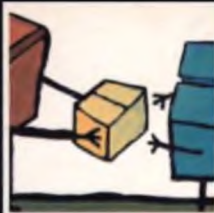


40
ano
UnB à frente



Lauro Morhy
organizador geral

Brasil em Questão

A Universidade e a
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

Brasil **em Questão**

**A Universidade e a
Eleição Presidencial**

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

Francisco César de Sá Barreto

Secretário de Educação Superior

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Conselho Diretor

Lauro Morhy – Presidente

Antônio C. de Matos Paiva

Carlos Alberto Rodrigues da Cunha

Carolina Martuscelli Bori

Flávio Rabelo Versiani

Inocência Mártires Coelho

Gileno Fernandes Marcelino

Jacques Rocha Velloso

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmart Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



Brasil em Questão

A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

Lauro Morhy

Co-organizadores

Marcos Formiga

Regina Marques

Adler Andrade

Tânia Costa

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

2002

Equipe Editorial:

Profª. Drª. Wânia de Aragão-Costa (Preparação de Originais)

Belª. Carmem Galvão (Revisão)

Fernando Brandão e Franklin Cruz (Editoração Eletrônica)

Formatos Design Gráfico (Projeto Gráfico)

Formatos Design Gráfico (Capa e Aberturas sobre ilustrações de Richard Cook - *Getty Images*)

Copyright © 2002 by Editora Universidade de Brasília.

Impresso no Brasil.

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS Q. 02, Bloco C, Nº 78

Ed. OK, 2º andar

70300-500 Brasília-DF

Tel: (0xx61) 226-6874

Fax: (0xx61) 225-5611

editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B823 Brasil em questão: a universidade e a eleição presiden-
 cial / Lauro Morhy (organizador). – Brasília : Editora
 Universidade de Brasília, 2002.
 512p.

ISBN 85-230-0700-8

1. Política – Brasil. 2. Governo: estrutura: política.
3.
Cidadania. I. Morhy, Lauro.

CDU – 32(81)

Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmair Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

LAURO MORHY
REITOR DA UNB

Sumário

APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

16 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA

Guilherme de Almeida 239

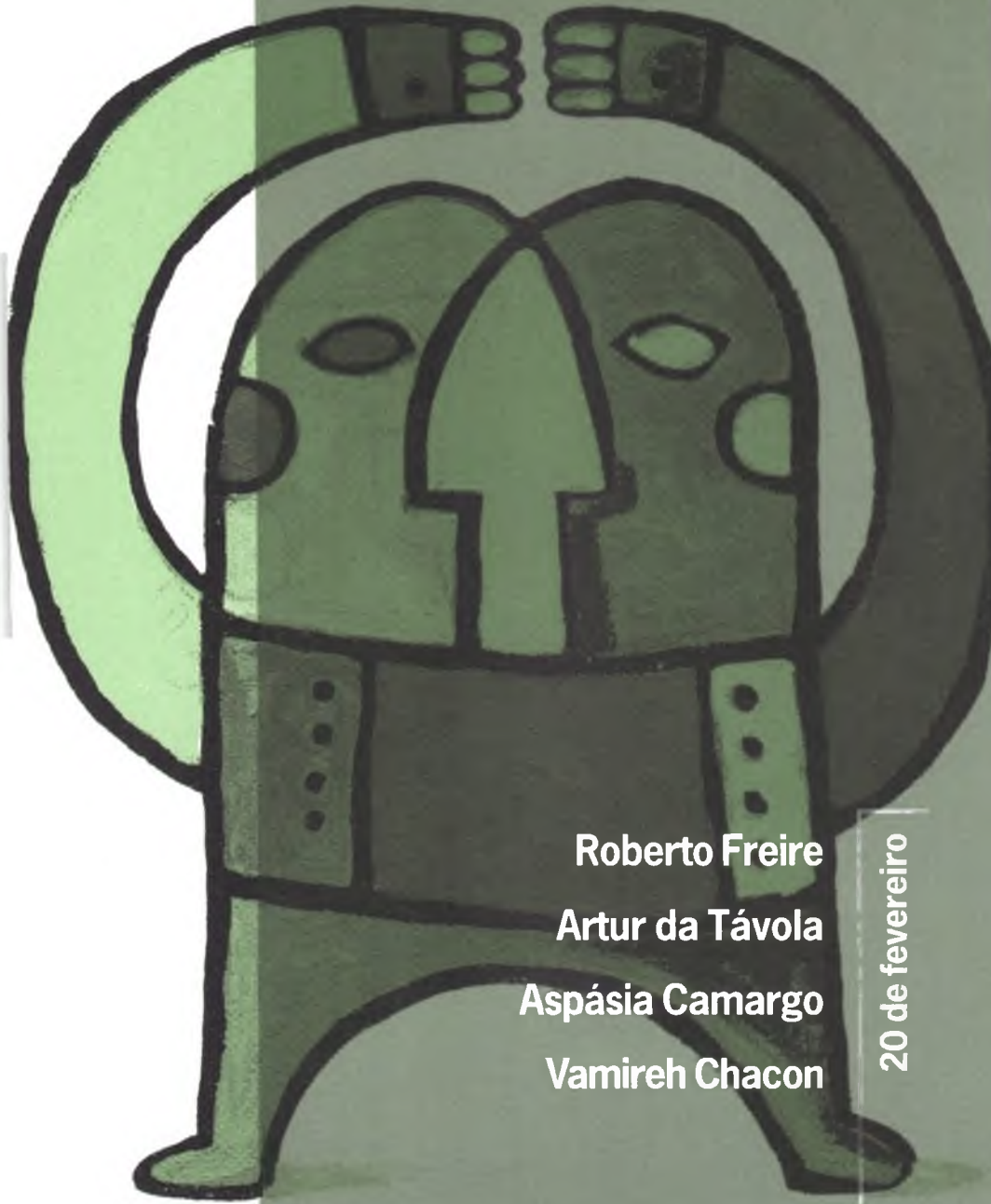
Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499

Brasilidade



Roberto Freire
Artur da Távola
Aspásia Camargo
Vamireh Chacon

20 de fevereiro

Manifesto à Brasilidade

Aspásia Camargo

De diferentes maneiras temos manifestado, ao longo do tempo, nossa **identidade brasileira**. Ela é fundamental para a nossa auto-estima, fonte mobilizadora de energia e confiança no futuro. É ela que pode garantir espaço mais digno neste mundo cada vez mais integrado pela comunicação, pela tecnologia e pelo conhecimento.

No mundo globalizado, quanto mais fácil o reconhecimento, tanto maior a simpatia, quanto mais forte e expressivo for o cartão de visitas, maior a receptividade e as oportunidades de penetrar em espaços comuns à nova convivência planetária.

A **logomarca**, tão criticada nos últimos tempos, vale para as empresas; por que não valeria para os países?

Precisamos de nossa **carteira de identidade cultural**, mais além do símbolo tradicional da nossa bandeira.

Para muitos desavisados, cultura é apenas conhecimento geral acumulado. Sabemos, no entanto, como nos ensinaram nossos mestres antropólogos, que **cultura são modos de fazer, de pensar e sentir típicos de uma comunidade humana**; cultura é a

Aspásia Camargo é Doutora em Sociologia pelo Instituto de Altos Estudos em Ciências Sociais da Universidade de Paris. Especialista em Sociologia do Desenvolvimento, realiza pesquisas relacionadas ao movimento ambientalista. Atua na Secretaria Geral da Presidência da República e é representante da Agenda 21. Trabalhou no Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e na Secretaria Executiva do Ministério do Meio Ambiente.

manifestação mais simples e elevada de nossa humanidade universal. O grande Franz Boas, inspirador de Levi-Strauss e Gilberto Freyre foi quem definiu o grande postulado: as culturas humanas, em sua imensa diversidade, são equivalentes. Nem superiores, nem inferiores. Apenas únicas em sua originalidade e, portanto, diferentes. As combinações variam de lugar para lugar, de povo para povo. Mas, as categorias são universais, comuns a toda humanidade. Aquilo que nos faz iguais e que nos faz diferentes.

E o que nos faz, a nós brasileiros, iguais e diferentes? Somos uma **extraordinária composição de raças** que, a despeito dos preconceitos, não rejeita o seu sangue. E que constituiu, só muito recentemente (há apenas 70 anos) a sua identidade, assumindo com orgulho este amálgama de portugueses, índios e negros. Fomos, de fato, paridos – como todas as comunidades humanas – a partir de um MITO FUNDADOR, gerado em uma época em que o racismo predominava como filosofia da história, hierarquizando as raças e defendendo a idéia tão anti-brasileira de que a miscigenação diferencia a espécie.

Esta **engenharia mitológica**, infundida aos poucos, ao longo do século XIX, e adotada pelos intelectuais modernistas, foi um tanto banalizada por certo tempo. Parecia ter virado estereótipo, mas agora voltou à moda. A pós-modernidade alimenta-se, especialmente, da idéia de DIVERSIDADE, do multiculturalismo, da coexistência, do respeito à diferença e do culto às manifestações culturais originais – ou até mesmo exóticas. Nesse terreno, somos imbatíveis. **Nada mais singular, único e imprevisível do que o Brasil e o seu carnaval**, a festa de Parintins, o Bumba-Meu-Boi, a Festa de São João de Caruaru e Campina Grande – inequívocas manifestações da nossa vocação para a alegria.

Nacionalismo Competitivo

Brasilidade parecia uma palavra fora de moda. Os mais jovens talvez nem saibam o que isso quer dizer. Muitos repetem que a Nação, hoje, é fato superado, a ser inevitavelmente tragado pela onda de globalização que destrói as referências e identidades nacionais em nome de uma cidadania e uma ordem planetárias. Mas não é bem assim. Nunca as identidades espaciais e regionais estiveram mais vivas, pois vemos os países com pretensões hegemônicas a reforçarem seus Estados, suas culturas e seus sentimentos nacionais.

São contundentes os exemplos dos EUA, na guerra contra o terrorismo, e da França, na defesa de sua política cultural contra a tentativa fracassada de uma legislação de abertura, infundida em favor dos EUA no coração da União Européia em Bruxelas. Os EUA exportam 6 bilhões de dólares com sua indústria de cinema e há um representante de seus interesses que cuida, apenas, do mercado consumidor brasileiro.

Na era da globalização, joga-se a guerra dos símbolos e a hegemonia das identidades. Os povos que não forem capazes de emitir sinais expressivos de sua existência, partilhando dos produtos de sua cultura com os demais povos, serão necessariamente obrigados a consumir – mesmo com indigestão e desconforto – os produtos da identidade alheia. É o que Marx chamou de alienação, inspirado em Hegel – os que compram indiscriminadamente a cultura dos outros. E Gramsci denominou hegemonia a capacidade de vender, com êxito, seus produtos e símbolos.

Estamos, portanto, na era do neonacionalismo, do nacionalismo para fora, competindo por espaços globais que permitam, a alguns, adquirir lugar na famosa integridade competitiva.

Entendi, em interpretação livre, que o desafio de hoje, proposto pela UnB, é desenvolver um manifesto e um programa que mobilizem as consciências e que envolvam os intelectuais, os pesquisadores, professores e os jovens em favor do fortalecimento de nossa **personalidade cultural e política**.

Se a missão é essa, vamos a ela:

Cultura com **C** maiúsculo, cultura como valor agregado.

O Brasil dispõe de rico patrimônio popular e imaterial, acervo vivo que estamos tentando preservar, dando seguimento à grande obra de Rodrigo de Mello Franco de Andrade e à de Mário de Andrade, pioneiros na valorização deste patrimônio.

Nas cidades históricas brasileiras Ouro Preto, Olinda, Salvador, São Luís e outras desenvolve-se fabuloso projeto, já aprovado, mas que precisa ganhar em agilidade, chamado **MONUMENTA**.

As formas mais reconhecidas e óbvias de brasilidade para as grandes massas é o futebol e a música. Quem não conhece Pelé, Ronaldo e tantos outros craques que brilham nos campos do mundo inteiro? Mas a indústria do futebol sofre, hoje, dos desmandos dos dirigentes de clubes. Queremos o nosso futebol campeão, livre dos cartolas do gangsterismo oficial dos espertalhões. E mais, queremos o esporte ao alcance do povo, já que os governos têm financiado quadras poliesportivas pelo Brasil afora, para revelar os nossos gênios olímpicos.

E por falar nisso, por que não dar bolsas especiais para grandes talentos, para as vocações precocemente assumidas, de qualquer raça, cor ou sexo? Nas áreas do esporte, das artes, das ciências e da cultura.

Na **música**, fomos e somos imbatíveis. Nossa música popular é reconhecida no mundo inteiro, desde que Tom Jobim e João Gilberto dedicaram alguns anos de suas vidas para **globalizar a Bossa Nova**. A partir dos EUA, sofisticaram-se os métodos, melhoraram-se os arranjos. As letras foram adaptadas com inteligência para o inglês e,

nisto, Tom Jobim foi genial, pois as trabalhou com alguém não menos brilhante, Vinícius de Moraes, de quem recebeu colaboração fundamental. E nossa música ganhou o mundo.

Abertas as fronteiras, outros as ultrapassaram, aproveitando o marketing que consagrou o “estilo” brasileiro e o fato de a música ser uma linguagem universal.

A música pode projetar nossa brasilidade para fora e **fundar nossa brasilidade para dentro**. Quem não lembra da Rádio Nacional, que tornou popular e nacional o samba, o chorinho de Pixinguinha, que agora – para felicidade dos cariocas – tomou também conta de Brasília. E de Ari Barroso, que transformou a Aquarela do Brasil em segundo Hino Nacional, insuflando o amor à pátria no coração de cada brasileiro?

Na década de 30 e do nacionalismo da Era Vargas, convertemos aquele “amor envergonhado” pela inferioridade diante de outros povos em amor assumido. Foi uma década gloriosa – apesar da ditadura – e Vila Lobos foi a grande síntese da brasilidade. Descobrimos nosso folclore, nosso patrimônio histórico, a criatividade espetacular, vibrante e incontida que vinha do morro e que se espalhou pela avenida.

Setenta anos depois, eis a Broadway no Sambódromo em uma explosão de cor, de desordem organizada (que se parece ter inspirado na teoria do caos da física) e que repassa, nos temas de cada ano, a grande aquarela do Brasil.

O carnaval em grande estilo estendeu-se por todas as partes, nas escolas de samba de São Paulo, nos desfiles inspirados em Parintins. Somos criadores do maior espetáculo da terra: o samba, o axé, o frevo. No carnaval, para o mundo inteiro, o Brasil existe: música, artes cênicas, dança, artes plásticas e a arte total, como as festas de São João, que é teatro, música, comida, dança, folguedo.

No cardápio da pós-modernidade, nada nos fascina mais do

que a linguagem da comunicação e da mídia. Nossas Universidades – Brasília, inclusive – estão repletas de futuros comunicadores. Ganhamos prêmios internacionais de publicidade nos vídeos, no cinema, nas novelas, com Washington Olivetto, com a Rede Globo, com a Tv Cultura e com tantos outros criadores e veículos.

No mundo globalizado, a guerra da comunicação é cada vez mais decisiva. Ela hierarquiza os que produzem e controla as mensagens que o mundo consome, relegando, à mais completa insignificância, aqueles que se alimentam das grandes agências e monopólios internacionais.

Na era da informação, o mais importante é produzir e transmitir conhecimentos; é ensinar a pensar.

Estamos sendo permanentemente entupidos de dados; mas informação, mesmo, temos poucas, freqüentemente manipuladas pelo jogo dos interesses políticos, nacionais e internacionais. Financiar a produção de informação, promover a pluralidade de idéias e o debate, envolver os jovens nas grandes polêmicas. Questionar as idéias prontas e pré-formatadas: eis uma **política para a juventude** que envolve a formação do pensamento crítico dentro dos colégios e universidades e, depois, fora delas.

Universidade e Cultura

Eu nunca entendi porque nossas escolas e universidades não estimulam o teatro amador – tão barato e tão profundamente educativo – e que tem sido, nos países desenvolvidos, o caminho natural para a formação cultural e para a projeção de talentos artísticos.

Eu nunca entendi por que não jogar com mais ousadia as pró-reitorias de extensão das Universidades brasileiras em ousadas cruzadas e catequeses públicas, em um país de analfabetos, no qual

a Universidade é um oásis propagador de capacitação e de cultura em seu entorno, em suas áreas de influência, nas comunidades mais pobres e junto à sua juventude.

Será que o tão propalado déficit educacional brasileiro, que inclui os próprios professores, não poderia se valer de programas de extensão de caráter cultural para superar, com mais sedução e charme, os saberes que não circulam por nossas fracas instituições de ensino? Um programa chamado “Cultura para a Educação, Universidade e Comunidade” ancorado na metodologia Paulo Freire – internacionalmente consagrada – esta, a grave carência de nossa cidadania.

Consumo e Alienação

A convivência com o uso abusivo do inglês é a maior praga cultural da nossa sociedade de massas. Vamos convidar o Aldo Rebelo, incansável defensor de nossa língua, para visitar a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. Ali, de uma ponta a outra, todos os letreiros estão em inglês. No principal templo de consumo, o N.Y. City Center, a Estátua da Liberdade recebe-nos de braços abertos. Os pobres à margem da Linha Vermelha logo entenderam o que a classe média parece relutar em entender. Partiram para o ataque e tentaram destruir o ícone da identidade nova-iorquina. O inglês e os valores da cultura americana têm penetrado e alterado fundamentalmente nossos hábitos e costumes. Transformar um *shopping* em ponto de encontro é reduzir as relações humanas a práticas mercantis e o desejo à busca do consumo compulsivo e inócuo. Uma parafernália de roupas que se esgotam na próxima estação. **O templo de consumo é o lugar da obesidade**

programada , dos sorvetes, pizzas, refrigerantes, hambúrgueres e batatas fritas, de sabor e textura que parecem feitos de plástico.

O *fast food* como modelo cultural é a decadência das práticas, a ascensão da antipolítica, pois, desde milênios, os seres humanos compartilham da pausa programada nas refeições. Comer rapidamente, olhando para a parede de uma lanchonete é prática que renuncia à velha condição humana.

O golpe no *fast food* foi dado pela comida a quilo, que graças à Deus, veio do hábito dos brasileiros que valorizam o feijão com arroz, as saladas, os sucos de frutas, que lhes oferece a sua generosa natureza.

Meio Ambiente

E por falar em Natureza, é bom lembrar que foram nossos recursos naturais que embasaram as nossas primeiras manifestações conscientes e adultas de nacionalismo. A floresta é a dominante na bandeira brasileira. E está também no Hino Nacional; sem falar que ela lá estava, bem antes de nos tornarmos Nação e Povo.

Somos o país da megadiversidade e o maior PIB ambiental do planeta. Este patrimônio impõe-nos responsabilidades e uma liderança internacional que devemos honrar perante nós mesmos.

O casamento do Meio Ambiente com a Cultura é um velho sonho de José Aparecido, que queria reunir, em um só, os dois ministérios que compartilham o mesmo prédio na Esplanada.

O importante é construir uma carteira de projetos conjuntos que valorize o Meio Ambiente nas cidades com densidade cultural e histórica. E valorize tanto as manifestações culturais como ecoturismo das regiões agraciadas pela grandeza do seu meio

ambiente.

No século XXI, os museus são escolas vivas. Museus de ciência e de meio ambiente podem enriquecer os grandes parques nacionais brasileiros.

O patrimônio ambiental e cultural brasileiro é uma riqueza inestimável do povo deste país. Antes de ser despesa, é solução, fonte permanente de alternativas para promoção da qualidade de vida da nossa sociedade. O patrimônio brasileiro tem a vastidão de um MAR SEM FIM, na expressão de Fernando Pessoa. E merece, dos dirigentes, dos políticos e de toda a sociedade, todo o cuidado, o apreço, a engenhosidade e a arte para transformá-lo em alavanca de progresso, de prazer e de paz.

Conclamamos pois, todos os brasileiros e brasileiras a assinarem este manifesto e a cobrar dos futuros dirigentes da Nação seu fiel cumprimento!

Impressão e Acabamento:



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: quick@gns.com.br

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* "é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil". É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

BRASILIDADE • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy